

notícias da CONSTRUÇÃO

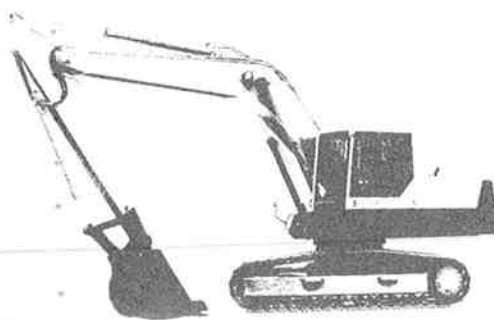
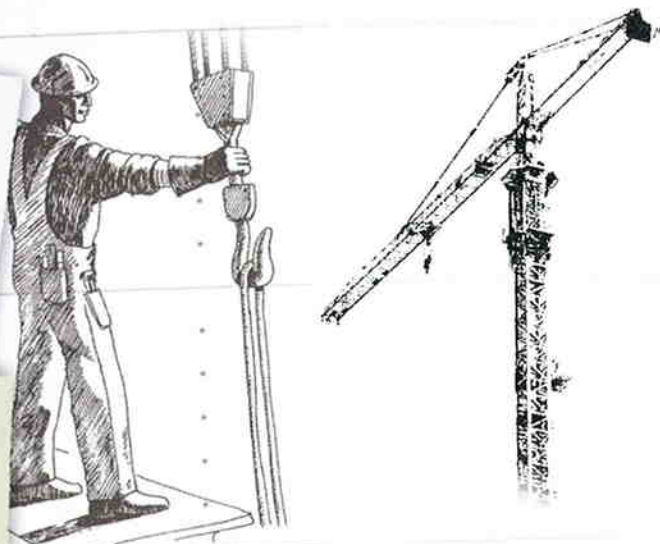
WWW.SINDUSCONSP.COM.BR

Nº 90 ANO SETE JUNHO 2010

Rubens Chammas:
São Paulo deve
aderir ao PAC 2

Setor intensifica
qualificação e
zelo por qualidade

Inês Magalhães
defende política
fundiária urbana



A AGENDA DA CONSTRUÇÃO

SINDUSCON-SP ELENCA
PRIORIDADES PARA O
PROGRAMA DE GOVERNO
DO PRÓXIMO PRESIDENTE

13

14

Construção redobra cuidados

As empresas têm trabalhado intensamente seus níveis de gestão e qualidade para atender, neste momento de aquecimento do mercado da construção, o crescimento da demanda, respeitando prazos de entrega das obras. Esta é a visão do coordenador do CTQ (Comitê de Tecnologia e Qualidade) do SindusCon-SP, Paulo Sanchez.

“As empresas precisam ter qualidade, demonstrarem gestão e serem formais. O mercado não aceita mais algo diferente disto. O consumidor tem informação, sabe avaliar e pode escolher, pois a oferta é grande”, diz Sanchez. “O tempo está mostrando rapidamente que quem quiser ‘dar uma de esperto’ não vai ter mais vez”, completa.

Para o coordenador do CTQ, o setor vem acelerando a promoção da qualificação dos trabalhadores e a formalização das empresas e da mão de obra. “Hoje, estamos prontos”, diz.

Nada parecido

Mas isso não significa que não houve dificuldades. Ele lembra que, embora o setor vislumbresse o momento em que iriam faltar os insumos da construção, “foi um grande choque” quando as empresas enfrentaram, em 2008, problemas de abastecimento de materiais e de mão de obra. “Nunca vivenciamos nada parecido. A inflação salarial não teve precedentes e a qualificação caiu bastante”, diz. “Os mais qualificados viram seus salários crescerem, mas também os sem formação ganharam. Muito em cima da necessidade urgente de mercado, muitos profissionais sem experiência de engenharia galgaram cargos hierarquicamente: quem era engenheiro de produção virou gerente de obra; este foi elevado a gerente de contrato, que se tornou diretor.”

“Já em 2009”, avalia Sanchez, “tivemos um ano de acomodação, e já estamos mais ou menos regulados”.

A marca visível daquele período são

Foto: Divulgação



Para Sanchez, empresas estão mais bem preparadas para enfrentar demanda

as patologias que algumas edificações apresentam. “A inexperiência dos profissionais supervalorizados ocasionou im-

permeabilizações mal feitas, problemas de instalações elétricas e hidráulicas, fissuras e trincas na alvenaria e defeitos nas fachadas”, diz Sanchez. Outro reflexo negativo foi na produtividade dos trabalhadores. “Ela caiu e pode comprometer o prazo de obra”, alerta.

Desempenho dos engenheiros

Segundo Sanchez, alguns programas de treinamento de mão de obra já estão sendo intensificados para evitar esses problemas. Muitos deles miram a melhoria de desempenho dos engenheiros. “A gente está precisando voltar à sala de aula, para socializar as informações e melhorar o nível de conhecimento destas equipes”, afirma. Muitas empresas do CTQ já têm programas de treinamento e atualização técnica destes profissionais, inclusive em parceria com associações de fabricantes de materiais.

(Nathalia Barboza)

‘Leilões baixam qualidade’

Os leilões eletrônicos de projetos e obras de construção civil, que alguns clientes insistem em promover, não são uma prática sustentável, pois pressionam pelo preço quem faz um bom trabalho a operar abaixo do padrão desejável de qualidade. A opinião é de André Alexandre Glogowsky, diretor da Hochtief do Brasil e membro do CTQ do SindusCon-SP. “A contratação de uma construtora é como a relação de confiança com o médico”, defende. “Todos têm um pouco de doutor, mas quando se veem diante de problemas não abrem mão do especialista”, justifica.

“O leilão coloca uma empresa contra a outra e, embora tenha sido criado para ser transparente e incorruptível, há boatos da infiltração de ‘coelhos’ nas

concorrências e de acordos entre fornecedores que dividem o mercado entre si”, afirma Glogowsky. “Além disso, não deu certo em nenhum outro país”, garante. Segundo ele, o “coelho” é um concorrente fictício, incluído no leilão para forçar artificialmente os preços para baixo, desestimulando concorrentes “indesejados”.

Segundo André Glogowsky, uma obra de engenharia implica ainda empatia com o cliente. “Uma obra tem muita coisa envolvida, não dá para escolher só pelo preço. A qualidade da edificação e a sustentabilidade do projeto são mais importantes”, afirma. “É quase um casamento, no qual a interação entre as partes precisa ser saudável”, diz.

(NB) ■